

Superação da miséria e da fome



*Os Bispos do Brasil, reunidos na 40.^a Assembléia Geral da CNBB, de 10 a 19 de abril, p.p., decidiram propor um **Mutirão Nacional para a Superação da Miséria e da Fome**. Para isto, aprovaram o Documento Exigências Evangélicas e Éticas de Superação da Miséria e da Fome (Documentos da CNBB, nº 69), explicitando as orientações e a mística do Projeto e fixando algumas propostas concretas de ação. O lançamento do Mutirão em todo o território nacional foi dia 30 de maio - festa de Corpus Christi.*

A seguir uma entrevista com o pe. João Roque Rohr, secretário executivo do projeto e assessor da Comissão Episcopal encarregada de dinamizar e animar o processo. João Roque Rohr é padre jesuíta, foi Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unisinos

IHU On-Line — O que é o Mutirão Nacional para a superação da miséria e da fome?

João Roque Rohr — Diante da dura realidade da fome e da miséria que, no Brasil, atinge seguramente 22 milhões de pessoas e, no mundo, mais de 815 milhões que vivem ou vegetam abaixo da linha da indigência, isto é, dispõem de apenas R\$ 80,00 por mês ou de 1 dólar por dia, o Mutirão Nacional quer ser uma resposta concreta para minorar esta situação, enfrentando as verdadeiras causas que a produzem. Pretende-se

somar esforços com todos os que quiserem associar-se a esta nobre causa humanitária, tomando iniciativas e empreendendo ações concretas em parceria com todas as entidades que se dedicam à erradicação da miséria e da fome. Apesar de visar a horizontes mais longínquos de estruturas sociais justas, é preciso percorrer um longo caminho, intensificando a sensibilidade fraterna e deixando-se mover e comover pela triste situação de irmãos e irmãs subnutridos e famintos. O ponto focal, portanto, do

Mutirão será o alimento, especialmente das crianças e das gestantes. Garantir o direito à alimentação adequada para todos é a grande meta que, uma vez alcançada, dispensará as medidas compensatórias e o assistencialismo que humilha e desumaniza a quem oferece e a quem recebe tais gestos. Se não é por falta de alimentos, nem por incapacidade de produzi-los em quantidades suficientes para uma nutrição de qualidade, vale a pena engajar-se no Mutirão para apagar esta mancha que envergonha a este país tão aquinhoado de recursos naturais. O Brasil não é pobre, mas injusto e por isto tem tantos pobres vivendo na indigência, na pobreza, na miséria e com fome.

IHU On-Line — O que se quer com o Mutirão?

João Roque Rohr — Congregar todas as pessoas de boa vontade que possam e queiram comprometer-se e mudar esta situação, atendendo ao chamamento que provém das exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome. Operacionalizar e concretizar os princípios teóricos constantes no texto aprovado pela CNBB, isto é, pôr em prática o que quase todos acreditam ser possível, urgente e necessário. Não há receitas e fórmulas prontas. Respeita-se a criatividade de cada pessoa e entidade. Muitas soluções são possíveis e sua divulgação pode despertar iniciativas semelhantes, de acordo com a cultura e as peculiaridades de cada região e das condições pessoais ou institucionais. Ninguém é tão pobre que nada possa dar e ninguém é tão rico que nada possa receber. O Mutirão, naturalmente, não se restringe a arrecadar e distribuir alimentos e remédios. Ele tem cunho conscientizador, educador, político, enquanto se propõe a sugerir, acompanhar e monitorar políticas públicas que dizem respeito ao assunto. Isto exige articulação e mobilização de setores governamentais e parcerias com

organizações não-governamentais e da sociedade civil.

IHU On-Line — Como o senhor vê essa iniciativa?

João Roque Rohr — Com muita esperança e entusiasmo. A causa é nobre e urgente e merece todo empenho e dedicação de que somos capazes. É gratificante e confortador constatar e conferir as adesões que pessoas e entidades manifestam à medida em que tomam conhecimento do programa. Ele desperta um interesse enorme não só em instâncias eclesiais e religiosas, mas também em setores seculares identificados com a luta contra a fome e pela vida. É verdade que a Igreja não oferece muitas soluções técnicas e científicas para estes grandes e graves problemas, mas é muito respeitada e prestigiada na visão e na mudança de mentalidade que propõe ao anunciar uma nova modalidade de encarar a vida, com solidariedade em vez de competição, com simplicidade em vez de sofisticação e desperdício, com justiça e amor em vez de exclusão social, violência e crescente desigualdade.

IHU On-Line — Desde quando o senhor está neste projeto e qual seu papel e participação?

João Roque Rohr — Desde novembro de 2001. Ao deixar a presidência da Conferência dos Religiosos do Brasil, fui convidado pela CNBB para assumir a secretaria executiva do projeto e assessorar uma Comissão Episcopal encarregada de dinamizar e animar o processo. Nesta função tenho inúmeras ocasiões para aprender dos outros como enfrentar estes problemas, participar de atividades promovidas por setores do Governo Federal, pela FAO e por entidades ligadas ao Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar. Após a divulgação do texto do documento dos Bispos, recebi inúmeros convites para palestras e eventos em preparação ao lançamento do Mutirão Nacional que ocorreu dia 30 de

maio, festa de *Corpus Christi*. Preparei um roteiro, vinculando a celebração do “pão descido do céu” e o pão da terra pelo qual Cristo mandou zelar quando disse: “Dai-lhes vós mesmos de comer”,

ao deparar-se com a multidão faminta no deserto que está na página www.cnbb.org.br
Email: smf@cnbb.org.br

ACONTECE

Homenagem Ao Padre Vaz

No dia 28 de maio, a coordenação do Instituto Humanitas Unisinos organizou a celebração eucarística em memória de Henrique Cláudio de Lima Vaz, filósofo, jesuíta e humanista. O convite para a celebração foi feito pela Província do Brasil Meridional da Companhia de Jesus e pela UNISINOS. A celebração foi presidida pelo Prof. Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, vice-reitor da UNISINOS e coordenador do PPG de Filosofia. No início da Missa algumas pessoas que conviveram com Pe. Vaz partilharam suas lembranças. A Profª Dra. Cleide Cristina S. Rohden, o Prof. Dr. Luiz Rohden do PPG de Filosofia da UNISINOS, destacaram a experiência do Pe. Vaz como professor sábio, mestre e amigo. O Prof. José Jacinto da Fonseca Lara, destacou a integridade, harmonia e prudência que o caracterizavam. Na homilia, o Pe. Marcelo Fernandes de Aquino recordou Pe. Vaz pela capacidade de servir à nação, à Igreja, à humanidade e a Deus.



Ecos do evento

“Eu era jesuíta, fui aluno dele em Nova Friburgo até 1964, quando me formei. Para mim, o Pe. Vaz é sinônimo de santidade, simplicidade e sabedoria. Ainda guardo as apostilas em gelatina que ele nos dava na aula. Pe. Vaz era um homem de visão, contestava a filosofia Tomista ao mesmo tempo que era tremendamente respeitoso com ela. Eu fiquei muito abalado com sua morte. Ainda bem que vi no *Correio do Povo* o convite para a Missa. Vale a pena e muito agradecer!” - Tarciso Barbosa Paixão, mineiro, foi militante da Juventude Universitária Católica – JUC e hoje atua em Porto Alegre, sócio gerente do Farol de Itapuã – Turismo Náutico Ltda.

Depoimentos

Integro, sábio, cordial...

A seguir publicamos uma entrevista com o Prof. Ms. José Jacinto da Fonseca Lara, integrante do Setor 3, Religiões, Teologia e Pastoral e professor das disciplinas Filosofia da Educação, no Centro de Ciências Humanas e Filosofia Geral, no Centro de Ciências Jurídicas.

IHU On-Line — Como conheceu o Padre Vaz?

José Lara — Conheci o Pe. Vaz nas Missas dominicais, em Nova Friburgo, em 1955. Ele não era um bom orador. Era superior dos escolásticos filósofos. Sempre estava muito quietinho, modesto.

IHU On-Line — Qual foi a influência dele na sua vida?

José Lara — Em 1960 e 61 tive o maior contato com ele. A filosofia era neo-escolástica. Tínhamos proibição de ler autores que não fossem Tomistas. Muitos de nós tínhamos uma tendência integrista, conservadora, até simpatizávamos pela TFP. Com suas aulas, o Pe. Vaz conseguiu dissolver essa tendência tomista fechada. Ele jamais falou contra alguém, nunca criticou um colega, era de uma integridade e ética incríveis. Mas soube nos abrir a outros enfoques e outras formas de ver a vida. Nos salvou daquela tendência integrista. Também ensinou-me a importância da configuração pessoal com Cristo. Indicava-me leituras e seu próprio exemplo de vida o mostrava. Padre Vaz tinha um conhecimento muito intuitivo dos seus alunos, sabia descobrir suas tendências. Ele soube ver em mim uma tendência para a espiritualidade.

IHU On-Line — O que o caracterizava?

José Lara — Sabia de filosofia, política, cultura, física como ninguém. Declamava poesias na sala de aula com muito humor. Nós tínhamos um colega com dificuldade nos estudos e que sempre nos dizia: “eu não entendo nada, mas adoro as aulas dele”. Em sala de aula era cativante. Nunca perdia um minuto, tinha o dia cheio de coisas, mas se obrigava a si mesmo a atender bem a quem o procurasse. Era muito gentil, nunca o escutei levantar a voz. E era tímido. Lembro da chegada do novo Bispo de Friburgo. Eu apresentei o Bispo ao Pe. Vaz e, quando ele beijou o anel do Bispo (como se fazia naquele tempo), vi que tremia.

IHU On-Line — O que causava polêmica na sua pessoa?

José Lara — Ele abriu-se à leitura filosófica de autores modernos, o que deu a maior confusão, muitos se escandalizaram. Ao mesmo tempo que ele propôs um seminário de Filosofia Moderna, um outro professor propôs um seminário sobre Santo Tomás. O segundo chamou um por um os alunos para que participassem e ninguém queria ir. Nesse tempo, Roma mandou um visitador e eu desconfio que fosse pelo Pe. Vaz. Por outro lado, era um homem muito aberto, lembro que falei muito com ele sobre Kant. Em 61, Vaz escreveu três artigos na revista *Síntese* sobre consciência histórica. Ali, fazia uma análise da filosofia de Marx. Não foi entendido e foi tomado como marxista, coisa que ele nunca foi.

IHU On-Line — E como foi o envolvimento do padre vez com os movimentos estudantis?

José Lara — Justamente por esses artigos que ele escreveu foi procurado pela PUCRJ. Ele participou de um congresso da PUC e se tornou quase um mentor de um grande grupo de estudantes engajados na política estudantil de RJ. Transformou-se num líder intelectual desses jovens. O que o impulsionava era a fé a serviço da justiça. O dia em que foi proibido de atuar na Diocese do Rio, pelo arcebispo, começaram a sair micro ônibus para Nova Friburgo com estudantes de RJ rumo ao Nova Friburgo para se encontrar com ele. Muitos colegas jesuítas também tinham restrições com as idéias do Pe. Vaz, no entanto, na hora do recreio dos padres dava para ouvir a gargalhada dele no meio da roda. Tratava a todos muito bem.

Arauto da modernidade

O Vice-reitor, filósofo e coordenador do PPG de Filosofia da Unisinos, o Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino viveu na mesma comunidade jesuíta do Pe. Vaz de 1982 a 1997, em Belo Horizonte. Nesta entrevista fala da obra e pessoa do filósofo que morreu em 23 de maio de 2002. Marcelo de Aquino é autor do livro *O Conceito de Religião em Hegel* (Loyola, 1989).

IHU On-Line — *Como o sr. conheceu o Pe. Vaz?*

Marcelo Aquino — Foi em 1974, numa reunião da Comissão de Formação. Mas conhecia os textos do Pe. Vaz desde 1968, quando li o texto *A dialética das idéias no Sofista de Platão*.

IHU On-Line — *O que lhe impressionava na sua pessoa?*

Marcelo Aquino — Impressionava-me a amplitude dos seus interesses intelectuais (física atômica, poesia, história, literatura, filosofia, teologia...), a erudição constantemente referida às fontes, a sua encarnação do Evangelho. Ele defendia com ardor as suas convicções. Sempre estava um passo à frente do comum dos mortais. Foi o primeiro a desenhar o diagnóstico da crise da modernidade. Nos inícios da década de 80, ele já falava da crise do marxismo. Esses fatos causaram-lhe todo tipo de rejeições. Outra faceta, eram sua impaciência e ironia que chegavam a causar estranhamentos.

IHU On-Line — *Como filósofo Pe. Vaz deixou imensa obra. O que mais lhe chamava atenção?*

Marcelo Aquino — Até o início dos anos oitenta, ele foi o arauto da modernidade. Progressivamente tornou-se quase uma espécie de Plotino, o último grande filósofo de uma geração. Como jesuíta, é um dos últimos de grande valor intelectual. Foi um excelente conselheiro. No campo político, ele era um democrata e introduzindo valores democráticos na concepção católica de política. No plano cultural ele se perguntava: Será que a cultura humana vai se metamorfosear na cultura do niilismo? Seremos uma civilização do niilismo? No plano de uma antropologia filosófica, ele tentava compreender o ser humano como expressão, como animal simbólico. Simpatizava com Charles Taylor. Na ética, ele procurava enlaçar a questão da liberdade no coração da necessidade do dever ser.

IHU On-Line — *E no último livro, Raízes da Modernidade?*

Marcelo Aquino — Neste livro Pe. Vaz faz uma exposição genética da modernidade. A gênese da modernidade estaria no século XIII. O que considero exemplar, é que o livro foi finalizado em 2002, ano de sua morte, e a bibliografia até 2001 está mapeada.

IHU On-Line — *Como o pensamento do filósofo tem sido recebido?*

Marcelo Aquino — Ele é o único pensador cujo pensamento já foi tema de tese no exterior (Itália). Não tenho dúvida de que se seu pensamento tivesse sido produzido na França, seria um dos grandes pensadores estudados hoje. No Brasil, ele era uma referência e alguém presente na filosofia brasileira. Lembro de uma ocasião, em 1986, quando na Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF), tratava-se de homenagear o filósofo e obra do ano. Pe. Vaz era o único nome de consenso.

IHU On-Line — *Os grandes autores que o Pe. Vaz estudava eram Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino e Hegel. Algum motivo especial por essa opção?*

Marcelo Aquino — Eles são clássicos. Pe. Vaz gostava de dizer que eles eram os clássicos inaugurais. Nesse sentido, algo que impressiona, quando ele tinha já 80 anos, encontrei lendo Siger Brabant, para entender a crise da modernidade. Ele ia às origens.

IHU On-Line — *Poderíamos dizer que a grande preocupação do Pe. Vaz foi um projeto de metafísica?*

Marcelo Aquino — Diria que seu projeto era formado por um tripé: metafísica, filosofia antropológica e ética. Procurou explicitar o pensamento do absoluto, como o fundamento do nosso mundo. Pensar o problema da história, como pensar a historicidade do absoluto.

Estudioso do pensamento brasileiro

IHU publica um artigo de Luiz Osvaldo Leite, 69, professor da UFRGS há 30 anos e pesquisador do pensamento filosófico do RS. Luiz Osvaldo foi o fundador do Instituto de Psicologia dessa Universidade, do qual foi o primeiro diretor. É conselheiro da Faurgs e Coordenador do Comitê Central de Ética da UFRGS. Os subtítulos são nossos.

No momento em que as homenagens ao Padre Henrique de Lima Vaz, SJ registram variados aspectos dos seus interesses e preocupações intelectuais, quero destacar um que ainda não vi referido, a pesquisa pelo pensamento brasileiro, que marcou meu relacionamento com ele e sinalizou definitivamente minhas mudanças filosóficas.

Em carta de 1975, solicitei ao pensador mineiro sobre a realização de estudo do pensamento neo-escolástico no Rio Grande do Sul. Perguntava-lhe: "o sentido desta carta é ouvir sua opinião sincera, se vale a pena haveria interesse em documentar um momento significativo na história das nossas idéias"? A resposta veio célere, quinze dias depois, como era seu costume.

Segue a carta

Belo Horizonte, 20 de janeiro de 1975

Caro amigo, Prof. Leite

Foi um prazer ter notícias suas e me lembro perfeitamente do nosso encontro em São Leopoldo, em 1961.

No que diz respeito à sua questão, deixe-me dizer-lhe, antes de mais nada, que fico sinceramente grato pela sua confiança na minha opinião. Creio que seu projeto de pesquisa, seja em vista do material já reunido, como igualmente levando em conta o interesse e a importância do assunto para a história das idéias no Brasil, é perfeitamente válido. Meu saudoso amigo Luis Washington Vita, que estava reunindo uma importante documentação sobre Filosofia no Brasil, quando a morte prematura o colheu, acentuava a necessidade de pesquisas regionais neste campo (p. ex. Nordeste, Minas, Rio, SP e RS), dada a fisionomia intelectual própria e as tradições culturais diversas dessas regiões, como também pelo fato de o estado disperso da documentação impõe inicialmente esse corte metodológico entre regiões culturais diversas, e, nelas, entre correntes diversas. Acredito, pelo que você me diz, que um estudo sobre o neo-tomismo sul-brasileiro é capaz de reunir uma soma de material que permita a elaboração de uma tese modelar (inclusive de livre docência) que poderá abrir caminho para uma nova fase mais cientificamente documental, da História da Filosofia do Brasil.

Assim sendo, só posso estimulá-lo a realizar esse trabalho que prometo acompanhar com toda simpatia, certo do êxito que fará justiça, de resto, ao seus esforços.

Aceite a certeza da minha sincera e cordial amizade.

Henrique de Lima Vaz, SJ

A resposta confirmava o passado e antevia o futuro das idéias do Pe. Vaz sobre o tema.

Pensamento filosófico brasileiro segundo Vaz

Pe. Vaz publicara, em 1961, na revista Portuguesa de Filosofia, *O Pensamento Filosófico no Brasil de hoje*, texto que foi incluído, 1964, como suplemento nas *Noções de História da Filosofia* do Pe. Leonel Franca, SJ (RJ: Agir, 1964, 17ª edição, 343-75). Em artigo intitulado "O problema da filosofia no Brasil" (*Síntese* 30 (1986) 11-25), voltou a tratar do mesmo tema.

Na advertência preliminar de *Ontologia e História* (SP: Duas cidades, 1986, 9-10), escrevera: "o presente volume reúne artigos publicados em diversas Revistas... Ao aceitarmos reuni-los em livros cedemos à argumentação de dois amigos caros, Luis Washington e Raul Ferreira Landin Filho, argumentação que mostrava a necessidade, dentro da penúria da literatura filosófica brasileira, de se obedecer fielmente à injunção evangélica: colligite... grammenta, ne pereant (Jo 6, 12). São fragmentos esses que aqui apresentamos. Seu interesse é, sobretudo, documentário, no que se refere a uma fase da história da Filosofia no Brasil essa importante década de 50, inaugurada com o Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia (SP, março 1950).

Com efeito, as dificuldades com que lutam os historiadores do Pensamento Filosófico Brasileiro para reunir uma documentação rara e dispersa, são bem conhecidas. Nelas pode dar testemunho esse estudioso incansável que é Luis Washington. Nossa intenção primeira foi, portanto, facilitar o acesso a textos desvaliosos em si mesmos, mas que foram parte, de qualquer maneira, do material que o historiador um dia deverá examinar. Foi também no intuito de facilitar a visão do historiador que os artigos foram dispostos em ordem cronológica".

A mesma razão presidiu a publicação dos *Escritos de Filosofia I, II e III*, em 1986, 1988 e 1997 (SP: Loyola).

Sua acuidade e correção na análise de pensadores brasileiros ressalta em dois textos:

Em *Leonel Franca e o Mundo Moderno: uma filosofia cristã da cultura*, apresentação "A Crise do Mundo Moderno" (Edipucrs: 1999, 5ª edição, v. 3, da coleção Pensadores Gaúchos) examina a posição do fundador da PUC-RJ no contexto da filosofia brasileira.

Fiori em questão

Em *O Itinerário do Absoluto no pensamento de E. Fiori*, Vaz examina a evolução do pensamento fioriano, registrando: "a conferência na qual o prof. Ernani Maria Fiori expôs aos alunos da Faculdade de Filosofia de N. Sra. Conceição, de Viamão, RS, a 31 de outubro de 1980, o seu itinerário filosófico é, não obstante a espontaneidade da linguagem falada (e tendo talvez nessa espontaneidade um dos méritos maiores), um texto exemplar e que tem, desde já, seu lugar assegurado nos textos clássicos do pensamento filosófico brasileiro. Trata-se de um texto extraordinariamente denso e rico, cuja exegese integral só poderá ser feita através de um paciente confronto com todo acervo escrito por Fiori. Ordenado cronológica e tematicamente, de modo a servir de comentário contínuo ao que ele, na conferência, denomina fio condutor de seu pensamento. Trabalho necessário, historiograficamente fundamental, em que Fiori aparecerá como *sui interpretis*, como o intérprete de si mesmo segundo o ideal hermenêutico, sempre perseguido pelos historiadores da filosofia, mas que raramente se apresenta em condições tão excepcionais de ser alcançado quanto naquelas que Fiori criou com sua luminosa autobiografia filosófica. Mas este é um trabalho de longo fôlego que fica reservado aos discípulos de Fiori e aos mestrandos e doutorandos de Filosofia em busca de temas verdadeiramente importantes e fundamentais na história do pensamento brasileiro contemporâneo" (*Textos Escolhidos*, V. 1, Metafísica e História, Porto Alegre: LPM, 1987, 19-20).

É possível uma filosofia brasileira?

Em 2000, no livro *Conversas com Filósofos Brasileiros*, questionado sobre se "seria possível falar de uma filosofia brasileira" Vaz respondeu: "A filosofia não nasce por geração espontânea no seio de um mundo cultural. Uma cultura nacional não produz filosofia por decreto... Nos países periféricos como o Brasil, a filosofia não podia de início articular-se organicamente com a cultura que não comportava ainda esse tipo de expressão da sua vida, ainda em estágio pouco desenvolvida. Nessa espécie da pré-história da filosofia entre nós, era apenas um ornamento literário ou objeto de curiosidade de alguns intelectuais. Creio que essa situação começa a mudar juntamente com as mudanças da própria sociedade brasileira, a partir da década de 20. Hoje, a prática da filosofia parece integrada no exercício normal da nossa cultura superior isso porque sociedade e cultura atingiram um nível de desenvolvimento e complexidade que oferece à reflexão filosófica um amplo campo temático... Podemos concluir que a filosofia no Brasil de hoje não é um *hobby* para intelectuais. É uma forma importante e mesmo necessária de participação social e política (Marcos Nobre e José Márcio Rego. SP: Editora 34, 2000, 35)".

O grande estudioso do pensamento grego e medieval, com sua tese, ainda inédita e redigida em latim *Sobre a contemplação e a dialética nos escritos de Platão*, e com seus cursos didáticos inspirados na Filosofia Aristotélica-Tomista; o entusiasta inquiridor do pensamento hegeliano e marxista se interessava pelo pensamento brasileiro.

A ele dedico agradecido, o que já produzi e o que preparo sobre o pensamento filosófico no Rio Grande do Sul.

SOLENE SESSÃO ACADÊMICA

PADRE VAZ, SÁBIO E HUMANISTA

No dia 24 de junho, às 20h, na vigília do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, a coordenação do IHU está organizando uma solene sessão acadêmica sobre a obra do Padre Vaz. Já estão confirmadas as presenças, como conferencistas, Prof. Dr. Ernildo Stein, Proff. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino e Prof. Luís Osvaldo Leite.

FORMAÇÃO

DE PROFESSORES/AS

Na reunião dos professores e professoras das disciplinas de formação humanística e social de orientação cristã a coordenação do IHU apresentou a seguinte proposta de formação permanente:

1. Participação dos/as professores/as do *IHU Idéias*, todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1C103, onde acontecem apresentações de teses, pesquisas, lançamento de livros e outros temas de interesse formativo.
2. Participação dos/as professores/as do *Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade: por uma ética na economia e na política do Brasil*, nos dias 25 a 27 de junho de 2002, no Anfiteatro Pe. Werner.
3. Leitura do *IHU On-Line*, que apresenta entrevistas, reportagens, lançamento de livros, resenhas de livros e filmes, informações sobre eventos dentro e fora da universidade.
4. Participação dos/as professores/as do Ciclo de Estudos *Uma Ética para tempos difíceis*. O evento acontecerá nos dias 8 a 13 de julho, das 8h45min às 12h, na sala 1C111.
5. Participação dos/as professores/as do Ciclo de Estudos sobre ALCA. (Confira o programa neste boletim).

CONSELHO ESTADUAL

DE DIREITOS HUMANOS

A Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembléia Legislativa e do Movimento Nacional de Direitos Humanos estão pedindo para que as Instituições se manifestem favorável à criação do Conselho Estadual de Direitos Humanos. O Projeto de lei N° 120/2002 instituirá o Conselho Estadual de Direitos Humanos aguarda apreciação na

Assembléia Legislativa do RS desde 15 de abril de 2002. O Projeto de lei é fruto de 11 reuniões e plenárias públicas do grupo de trabalho, coordenado pela Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social, com participação de diferentes Movimentos, Comissões e Organizações. O Projeto de Lei está disponível na Secretaria do Instituto Humanitas Unisinos. Maiores informações: ccd@al.rs.gov.br, fone: 3210-2095.

UNITRABALHO

Nos dias 23 e 24 de maio aconteceu, na PUC de São Paulo, a 8ª Reunião Nacional do Conselho Técnico da Unitrabalho. Com a presença de 27 universidades de todo o País, o encontro buscou dar espaço à troca de idéias e aprofundamento no resgate do estudo, pesquisa e extensão sobre o mundo do trabalho. Na pauta da reunião estavam as comunicações do Conselho Deliberativo, a reestruturação da Unitrabalho, a definição de algumas datas e definição das novas lideranças. A Prof.ª Sílvia Araújo da Universidade Federal de Paraná, foi eleita coordenadora da região Sul e o Prof. Dáris Corbellini, da UNISINOS, foi eleito articulador do Estado de RS. No evento, foi definido que o VI Encontro Regional Sul da Unitrabalho será nos dias 29 a 31 de agosto na Universidade Federal de Paraná. Na ocasião a Prof.ª Maria Clara Bueno Fischer coordenará o GT sobre Educação e Trabalho. Todos os interessados em apresentar trabalhos dessa área podem entrar em contato com a professora pelo ramal: 1166 ou pelo e-mail: clara@bage.unisinos.br

ADOÇÃO DE CRIANÇAS

POR HOMOSSEXUAIS

O Programa de Pós-Graduação em Filosofia e o Programa de Pós-Graduação em Direito promovem uma mesa redonda sobre "*A demanda de adoção feita por homossexuais*". Serão debatidos a possibilidade de problemas (jurídicos, psíquicos e sociais) que este tipo de adoção coloca, quais seus efeitos na estruturação psíquica da criança, os tipos de constrangimento social que poderia se produzir na criança, como pensar nos direitos da criança, é justo privar os homossexuais do direito de adoção e outros. A exposição será feita pelo Dr. José Antônio Daltoé Cezar (Juiz de Direito) que contará com os debates da Dra. Conceição Beltrão Fleig (Psicanalista), da Profa. Dra. Maria Cláudia Crespo Brauner (PPG-Direito da Unisinos) e de Nara Leonor Castro Garcia (Juíza de Direito). A coordenação do evento é do Prof. Dr. Mário Fleig (Psicanalista, PPG-Filosofia da Unisinos)

Data: 11 de junho de 2002 (terça-feira)

Horário: 19h30min

Local: Auditório Maurício B. Berni - Centro 4

UNIÃO FAZ A VIDA

Nos dias 22 a 24 de maio aconteceu, em Cerro Largo, o XI encontro Estadual de Coordenadores do programa *A União faz a vida*. O evento foi uma oportunidade para a integração de todos os coordenadores e estabelecer algumas linhas comuns de ação. Pelo IHU participaram a Prof.ª Vilma Pafiadache Rocha Dantas, Prof. José Odelso Schneider,

coordenador do Setor 2 Trabalho, Cooperativismo e Economia Solidária e o Prof. Otto Konzen quem deu uma palestra sobre desenvolvimento rural.

ALCA

O comitê sobre a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) do IHU está promovendo, como já foi informado no *IHU On-Line*, um *Ciclo de Estudos* sobre a participação do Brasil na ALCA. Confira a seguir dias, locais e palestrantes dos eventos.

DATA	SEMANA	TURNO	AUDITÓRIO	TEMA	Palestrante
04/06	Terça-feira	Manhã 8h30 – 11h	Central - C1	O Brasil na ALCA: conseqüências e desafios	- Paulo Barella - Presidente da CUT Metropolitana
04/06	Terça-feira	Noite 20h - 22h	Sérgio Gomes C.6	O Brasil na ALCA: conseqüências e desafios	- Paulo Barella - Presidente da CUT Metropolitana
05/06	Quarta-feira	Noite 20h - 22h	Sérgio Gomes C.6	O Brasil na ALCA: conseqüências e desafios	- Milton Viário - Coordenador regional da campanha nacional contra a ALCA

DATA	SEMANA	TURNO	AUDITÓRIO	TEMA	Palestrante/d ebatedor
12/08	Segunda-feira	Noite	Central - C.1	ALCA e o papel do Estado	- Olívio Dutra - Prof. Yelbo Lobo - C.4
13/08	Terça-feira	Manhã	Central - C.1	ALCA e direitos humanos	- João Ricardo Dorneles - PUC-RS - Geraldo Ceix - Rodrigo Stumpf Gonzalez -C.4
14/08	Quarta-feira	Manhã	Sérgio Gomes - C.6	ALCA meio ambiente e desenvolvimento sustentável	- Sebastião Pinheiro - COLMÉIA - Heraldo Campos - C.6 - Demétrio Luis Guadagnin - C.2
14/08	Quarta-feira	Noite	Sérgio Gomes - C.6	ALCA, tecnologias e dependências	- Renato de Oliveira - Secretário de Ciência e Tecnologia - Heloisa Jochims Reichel -

					PPG/História - C.1 - Renato Saul - PPG/Sociologia - C.1
15/08	Quinta-feira	Noite	C.3	ALCA, mídia, informação e cidadania	- Daniel Herz - Valério Britos - C.3 - Alberto Efendy Maldonado - C.3
16/08	Sexta-feira	Noite	C.4	ALCA e processos de integração e comércio	- Francisco Milanez - AGAPAN - Álvaro Garcia - C.5

DATA	SEMANA	TURNO	TEMA	Palestrante/debatedor
22/08	quinta-feira	Noite		Inácio Neutzling João Pedro Stédile

RÁDIO UNISINOS II ESTREIA

NA TRANSMISSÃO DO SIMPÓSIO

Paulo Torino, Diretor da 103.3 Unisinos FM está encaminhando junto ao IHU a transmissão via internet, ao vivo, de todo o *Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade: por uma ética na economia e na política do Brasil*, nos dias 25 a 27 de junho, através do que ele mesmo chama Rádio Unisinos II.

IHU On-Line- Por que uma segunda Rádio Unisinos?

Paulo Torino- Desde novembro de 2001, a programação da 103.3 vai ao ar também pela Internet. Mas, eu pensei bastante antes de fazer isso porque vejo que as rádios utilizam mal a Internet. A única preocupação que elas têm é a reprodução de sua programação. Eu entendo que a internet é um outro veículo, com outras possibilidades que nos dá a oportunidade de ter duas rádios, fazendo uma programação especial para web. Com isto se completa o ideal que nos levou a criar Rádio Unisinos. O primeiro passo do sonho, que surgiu ainda na década de 80 quando eu era aluno do Curso de Jornalismo na UNISINOS, era que a Universidade tivesse uma rádio. Lutamos bastante e em 1995 a Universidade tinha uma rádio. Depois vieram seis anos para poder criar um público fiel, e o temos. Ainda faltava uma etapa, uma dívida com a própria Universidade, de poder projetar seus eventos e não só divulgá-los, e agora está começando essa fase.

IHU On-Line- Como surgiu a idéia de escolher o Simpósio Nacional do Bem Comum para lançar a rádio?

Paulo Torino- A idéia surgiu quando ouvi Pe. Inácio Neutzling falar, na oportunidade em que o Instituto Humanitas reuniu à Imprensa interna da UNISINOS para apresentar o trabalho deles. Gostei muito da idéia do Simpósio e achei que o Pe. Inácio é um homem cheio de idéias e realizador dessas idéias. Eu gosto dessas pessoas. Foi nesse contexto que veio a idéia. Por que não dar todo o apoio para esta nova idéia? Assim, nosso projeto é transmitir as Conferências do Simpósio na íntegra e nos horários de intervalo e das oficinas, os repórteres estarão entrevistando os palestrantes, os participantes, ou seja ajudando os internautas a participar do evento e compreender melhor os assuntos abordados. Na página

também haverá fotos do evento. As pessoas poderão ver o palestrante que estão ouvindo. Diria que a Universidade deve continuar fomentando a pesquisa e utilizar um canal para transmitir os grandes eventos, em excelente qualidade para qualquer ponto do planeta. Estamos atendendo a uma demanda de divulgação plena. Por enquanto é essa cobertura de eventos, quem sabe num futuro a rádio Unisinos II possa ter uma programação especial além dessas coberturas, fazer uma parceria com a TV, etc.

IHU On-Line- Qual a avaliação que o você faz da 103.3 ou rádio Unisinos I, após esses quase sete anos transmissões?

Paulo Torino- Tudo aquilo que estava no projeto, conseguimos por em prática. Inovamos o jornalismo. Ninguém tinha o costume de colocar notícias nas horas cheias, e menos numa FM. Agora várias emissoras fazem isso. A nossa linguagem jornalística também é diferente. Tratamos a notícia tentando contextualizá-la o mais possível. Não é a mesma coisa dizer: aumentou a passagem; ou, aumentou a passagem e já é a terceira vez, em três meses. Além do fato, nos importa o contexto e a sua relevância. Também a música é um diferencial. Fazemos blocos de músicas por épocas, o que vai levando o ouvinte a fazer conexões entre uma coisa e outra. Acho que é uma emissora educativa e jornalisticamente mais crítica.

Eventos IHU

IHU IDÉIAS

Participe do IHU Idéias. Toda quinta-feira das 17h30min às 19h, na sala 1C103- Centro 1.

Dia	Assunto	Palestrante
6 de junho	Apresentação do livro: <i>A Arte de amar a ciência</i> de Pascal Nouvel- Editora Unisinos	Prof. Dr. Fernando Jacques Althoff.
13 de junho	Lançamento do livro: <i>Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências</i> de Cleci Eulalia Favaro. EDIPUC/RS Coleção Nova Et Vetera 3.	Profa. Dra. Cleci Eulalia Favaro.
20 de junho	Apresentação do tema <i>A nutrição como uma nova proposta no tratamento de doenças mentais</i>	Profa.. Dra. Denise Righetto Ziegler

Nota: Lembramos que os livros editados pela Editora Unisinos e apresentados no IHU Idéias continuam com 40% de desconto, no dia da sua apresentação. No dia do lançamento do livro da profa. Cleci Favaro, haverá um vinho de honra, diferentemente dos outros dias em que é oferecido um suco de laranja.

ARTE DE AMAR A CIÊNCIA. PSICOLOGIA DO ESPÍRITO CIENTÍFICO – PASCAL NOUVEL

O Autor

Pascal Nouvel é doutor em Biologia e em Filosofia, professor na Universidade Denis Diderot – Paris 7 e redator – chefe da revista **L'aventure humaine**, que é publicada pela Press Universitaires de France – PUF. No último número, no. 11, 2001, o tema central da revista é “Le comportement entre génétique et politique” (O comportamento entre genética e política).

Na revista **Raison Présente**, no. 138/2002, cujo tema central é ‘La médecine est-elle encore un humanisme?’ (A medicina é, ainda, um humanismo?), Pascal Nouvel escreve dois artigos: “Sur les rapports de la philosophie et de la médecine” (Sobre as relações da filosofia e a medicina) e “Fondement philosophiques de l'éthique médicale” (Fundamentos filosóficos da ética médica).

Oportunamente publicaremos uma entrevista feita por Pascal Nouvel com Gilles Chatelet, sobre o livro deste último intitulado *Vivre e penser comme des porcs: de l'incitation à l'envie et à l'ennui dans les démocraties-marchés* (Viver e pensar como porcos: da incitação à inveja e ao desgosto nas democracias-mercados). Ed. Exils, Paris.

Depois do livro *A Arte de Pensar*, cujo original é do ano 2000, Pascal Nouvel publicou *Enquête sur le concept de modèle* (Pesquisa sobre o conceito de modelo), PUF, Paris, 2001, 272 pp e lançará no dia 15 de junho de 2002 o livro *Conversation avec mon clone sur la passion amoureuse* (Conversação com meu clone sobre a paixão amorosa), PUF, Paris, 2002, 224 pp.

O Livro

Reproduzimos o prefácio da edição francesa, escrito por François Jacob, para quem o livro **A Arte de Amar a Ciência**, é “surpreendente e agradável. Provocante também”.

“Pascal Nouvel foi estudante de biologia. Trabalhou no Instituto Pasteur sobre o desenvolvimento do embrião de rato. Preparou de modo notável uma excelente tese construindo certos vírus e analisando suas propriedades. Mas rapidamente descobriu que preferia as idéias às células, a filosofia aos ratos. Donde sua virada para a filosofia e a história das ciências.

Ele se interessa pelo amor à ciência. Efetivamente, existe aí um mistério. Por que um pequeno grupo de homens no mundo se agita com tanto frenesi para se entregar à prática da ciência? Por que eles fazem experiências, constroem teorias para ordenar os fatos? Por qual necessidade homens colocam tanta paixão, têm tanto prazer em querer interrogar isto que chamam de a natureza? É o que Pascal Nouvel queria compreender. Não o aspecto puramente racional da ciência. Não, como a maioria dos epistemólogos, a lógica dos cientistas, seu modo de raciocínio. Não a “busca da verdade”. Mas as razões profundas que impelem um indivíduo a se entregar à ciência. O que Pascal Nouvel quer entender são os motivos que incitam um pesquisador a se interessar por um problema científico em vez de um outro. É a obsessão que passa a ser sua. É a vontade de encontrar uma solução, a competição que ele trava com seus rivais. De onde vem, no indivíduo, esse gosto pela ciência? Sentimentos, todos eles, que Pascal Nouvel designa pelo título do seu livro, *A arte de amar a ciência*.

Para reforçar seu propósito com um exemplo, Pascal Nouvel fez a escolha adequada. Ele analisa a descoberta da estrutura do DNA (ácido desoxirribonucléico) por James Watson

e Francis Crick. Ou, para ser mais preciso, a narrativa que Jim Watson faz dessa descoberta em seu livro *The double helix*. Pois esse é um dos raros casos de um cientista descrevendo, além do progresso da abordagem, todos os seus estados de espírito durante esta pesquisa. A história é conhecida. Em Cambridge, dois pesquisadores, um americano, o outro britânico, um ornitólogo de formação, outro físico, um com 23 anos, outro com 35, unem seus esforços para tentar resolver o problema da hereditariedade. Os biólogos haviam mostrado que o DNA é a substância que carrega a especificidade – começava-se a dizer a informação – genética. Os físicos haviam insistido na idéia de que, nos seres vivos, a função de uma molécula devia necessariamente ser uma consequência da sua estrutura. O objetivo de Watson e Crick, então, era determinar a estrutura do DNA. Duas outras equipes, uma em Londres, a outra na Califórnia, trabalhavam com o mesmo objetivo. Esse trabalho resultará, na primavera de 1953, em Cambridge, na descrição da molécula de DNA sob a forma de uma espiral dupla. É, na biologia, a descoberta mais importante do século.

A narrativa que Jim Watson faz dessa época não diz respeito apenas à história principal, a que aparece nos manuais de biologia. Ele também conta curiosidades, a maneira como o autor, da maneira mais pessoal, diz ter vivido esse período de pesquisa. O interesse do livro, então, é duplo. Por um lado ele descreve o aspecto lógico dessa descoberta muito importante que modificou de alto a baixo toda a biologia. Por outro lado, descreve o aspecto psicológico da descoberta visto pelo seu principal artesão. Este não nos deixa ignorar que foi ele quem fez as duas observações principais, e que teve portanto o papel principal no estabelecimento da estrutura. O que provocará uma reação muito forte por parte do seu companheiro de equipe.

A psicologia do conhecimento ao lado da lógica do conhecimento é exatamente o que Pascal Nouvel procura. Einstein dizia que os cientistas são toupeiras monomaníacas. Pascal Nouvel demonstra isso por intermédio do texto de Watson. Ele se aplica a encontrar todas as palavras, os sentimentos de seu autor: a obsessão, o gosto, a vontade de ter razão, a procura do sucesso, a competição com os rivais, o papel dos sentimentos, a parte do faro, do instinto na pesquisa, a concorrência dos orgulhos individuais, a importância da beleza atribuída a um resultado, a uma estrutura. Em resumo, tudo o que coloca em evidência a verdade dos homens ao lado da verdade das coisas. Em outros termos, o livro de Pascal Nouvel se interessa pelo aspecto subjetivo da pesquisa. Ou seja, exatamente por aquilo que os próprios cientistas, assim como os historiadores ou filósofos, se esforçam em apagar de sua análise quando tratam do procedimento dos cientistas.

A arte de amar a ciência é um livro surpreendente e agradável. Provocante também. Seguramente fará um grande sucesso junto aos cientistas. Até aqui, com exceção de Jim Watson, poucos dentre eles se arriscaram nesse terreno. Em todos os seus escritos, eles se esforçam em apagar o aspecto pessoal, tudo o que pode lembrar a existência de um indivíduo com suas paixões e seus defeitos. Cuidam para livrar seus textos do traço pessoal, de qualquer odor humano. Será interessante ver suas reações ao livro Pascal Nouvel”.

No prefácio da edição da Editora Unisinos, Cláudio Weber Abramo escreve:

“Nouvel rejeita assim a visão que faz da ciência um mecanismo de aplicação da racionalidade, preferindo usar o símile da literatura, em particular o emprego de metáforas. Para ele, a racionalidade seria apanágio de simples técnicos, como médicos e engenheiros. Em contraste, por se dedicar à criação, e não à reprodução, o cientista operaria com o que se chama de intuição. É apenas natural, portanto, que Nouvel descreva sua própria exposição como similar à crítica literária”. E C. W. Abramo conclui: “Como não existe crítica literária feita sobre obra única, carecendo ela de universalidade para se caracterizar

como tal, resta Nouvel estender sua abordagem a outros cientistas e outras áreas do conhecimento”.

Ivan Izquierdo e Pascal Nouvel

Publicamos a seguir a resenha do livro *A Arte de Amar a Ciência* redigida por Ivan Izquierdo, professor de Bioquímica, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, UFRGS e que recentemente lançou pela Editora Unisinos o livro *Tempo de viver*. Para Ivan Izquierdo, trata-se de um magnífico livro. Os subtítulos são nossos.

“Pascal Nouvel escreveu um livro admirável: *A Arte de Amar a Ciência*. Acaba de ser lançado, numa excelente tradução, pela Editora Unisinos, na *Coleção Focus*.

Baseado em sua experiência como Doutor em Biologia primeiro, e filósofo das ciências depois, Nouvel investiga, em detalhe, os motivos que levam os cientistas às grandes descobertas; o mecanismo íntimo dessa motivação que tanto surpreende aos que não a possuem. Nouvel percorre seu caminho num estilo fácil e, por momentos, alegre, que traz ao leitor a agradável sensação de estar compartilhando uma viagem com um conversador inteligente e ameno. Uma viagem que Pascal Nouvel condensa em 185 páginas de texto para animada leitura.

Nouvel baseia seu estudo na análise detalhada da famosa descoberta da dupla espiral do DNA feita por James Watson e Francis Crick, em 1953. A descoberta não foi um trabalho experimental: Watson e Crick examinaram dados deles próprios e de outros vários investigadores e lançaram a hipótese da estrutura do DNA, que acabou sendo a única possível, estabelecendo, assim, a base de toda a Biologia Molecular. Esta passou, em poucos anos, a ser a nova base da Biologia em geral e deu lugar a uma série impressionante de novas descobertas nas quais se fundamenta toda a análise genética, boa parte da bioquímica e boa parte do desenho atual de novos medicamentos.

Nouvel descreve, mas não questiona nem analisa, a descoberta em si; esse trabalho já foi feito durante 48 anos de pesquisa. Nouvel vai além: vai à procura dos mecanismos psicológicos que controlavam o pensamento de Watson, de Crick, do colega Maurice Wilkins, que compartilhou o Prêmio Nobel com eles, e de outros colegas, que muitos acharam injusto terem sido excluídos desse prêmio, principalmente Rosalind Franklin e Jerry Donohue.

Em *A Arte de Amar a Ciência*, o papel de cada um é examinado em detalhe. Nouvel conclui que havia “algo mais” em Watson que em Crick; e “algo mais” nos dois do que nos seus colegas. A determinação da estrutura do DNA pareceu-se, em muito, a uma visão ou a um sonho, e Watson chegou a essa visão ou a esse sonho na companhia de Crick, e até festejando internamente que Wilkins, Franklin ou Donohue, apesar de terem contribuído com as bases teóricas do sonho, não o tinham sonhado. Watson considerou isso como uma vitória pessoal, semelhante a uma vitória esportiva ou à conclusão feliz de uma grande aventura.

Ciência: Visão? Sonho? Pessoal? Vitória esportiva?

Visão? Sonho? Pessoal? Vitória esportiva? Feliz? Aventura? Muitos leitores pensarão que essas palavras estão fora de lugar num estudo sobre cientistas e suas descobertas. A maioria da população, guiada por Hollywood, que, por sua vez, foi guiado pela ficção de segunda categoria do século XIX, pensa que os cientistas são seres frios, racionais e insensíveis, tão frios, racionais e insensíveis como o objeto de seu trabalho. Os alquimistas ou o fictício Dr. Frankenstein são as bases dessa idéia. Nem Walt Disney conseguiu melhorá-la com o simpático, embora distraído, professor Pardal. A imagem

piorou com a história alienada dos inventores da primeira bomba atômica, isolados no deserto de Nevada e formigando até altas horas num projeto totalmente secreto e terrivelmente letal. A imprensa do mundo todo chamou esses alienados de “cientistas”. Na verdade, não o eram. Eram tecnólogos que trabalhavam como funcionários das Forças Armadas de uma superpotência em guerra. Muitos deles, é verdade, já tinham sido cientistas. Mas tinham abandonado essa atividade: agora eram fabricantes de armas. Assim como Shakespeare um dia abandonou a literatura e se dedicou à prática da usura.

Não é possível fazer Ciência de verdade usando predominantemente a razão

Fundamentado em sólidas observações próprias e recorrendo a Nietzsche e Wittgenstein, a Stendhal e Proust, Nouvel constrói sua teoria de maneira precisa e indiscutível. Visão? Sonho? Pessoal? Vitória esportiva? Feliz? Aventura? Sim, nos explica Nouvel de maneira detalhada, clara e convincente. Esse é o material com que se constrói a arte de amar a Ciência. Sim, pode se amar a Ciência; não há nada de mais nisso: pode se amar tudo aquilo que for vivido com entusiasmo. Não, não é possível fazer Ciência de verdade usando predominantemente a razão. Os humanos têm “a invencível tendência a deixar-se enganar”. Sim, os cientistas são seres humanos com tantos defeitos como os demais, e com sentimentos tão pouco controláveis como eles. Não, não são sonâmbulos inconscientes e alienados; são sonhadores em voz alta, uma voz que lhes sai pelas mãos na hora de demonstrar, na bancada, a veracidade de suas hipóteses, que não passam de sonhos. Veracidade que o tempo costuma demonstrar que é fugaz; mas fugazes somos os seres humanos e nossos sonhos. Estamos feitos de material evanescente. Deus sabe onde estarão hoje os átomos do corpo de Aristóteles.

A descoberta de Watson, e provavelmente a maioria das grandes descobertas científicas, são muito mais fruto da paixão que da razão, muito mais resultado do poder de sedução de uma idéia do que da idéia em si, muito mais consequência do lado irracional de pessoas muito inteligentes, do que de seu raciocínio. Talvez, paralelamente, Nouvel demonstre, neste magnífico livro, que seria injusto e exagerado chamar Watson, ou inclusive Crick, de gênios. Certamente, aponta Nouvel, Watson não tinha a mais remota idéia do alcance real de sua descoberta; festejou-a como se festeja um gol, não uma mudança de paradigma. Sabia, quando a fez, que era crucial; mas não tinha condição alguma de prever quão revolucionária seria e quanto haveria de reformular toda a ciência futura. E o aporte de Crick, por sua vez, nunca ultrapassou os limites de um colaborador ilustrado; a maioria das vezes, distraído e casual. É bem verdade que soube estar bem atento, quando precisou. Mas os anos que seguiram mostraram a diferença entre ambos. Watson participou de outras pesquisas, dirigiu laboratórios importantes e iniciou, mais tarde, o Projeto Genoma. Crick não passou de um conferencista trivial, geralmente sobre assuntos que não eram de sua competência.

Sem dúvida, vale a pena ler este livro. Quem o fizer, sentirá também o prazer que dá andar pelo mundo dos sonhos e acreditar que está vislumbrando o lado íntimo de um grande gênero de aventuras felizes, o da Ciência. Gênero que, bem aponta Nouvel, ainda que para muitos possa parecer impossível, um dia certamente haverá de terminar: não sobrará interesse em pesquisar muito além do que já se sabe e, em todo caso, quem o fizer não achará tanta graça como seus predecessores, Watson, Crick e outros. Mas este, claro, é um outro assunto. É preciso ler o livro de Nouvel para chegar a essa possível conclusão”.

Quem é Fernando Jacques Althoff

O Prof. Fernando Jacques Althoff traduziu o livro *A Arte de Amar a Ciência* publicado na Coleção Focus da Editora Unisinos. A Coleção Focus é dirigida pelo Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino.

Fernando Jacques Althoff graduou-se em Geologia em 1983 pela Universidade Federal do Paraná, UFPR, Paraná, Brasil. Em 1986, ele completou Especialização em Geociências. (Carga horária: 390h), pela Universidade Federal do Pará, UFPA, Pará, Brasil.

Em 1989 tornou-se Mestre em Geologia e Geoquímica pela Universidade Federal do Pará, UFPA, Pará, Brasil. Título: *Geologia estrutural da antiforma do Setuva - PR.*

Orientador: Alberto Pio Fiori.

Doutorou-se em Física e Química da Terra, em 1996, na Université de Nancy I, U.N. I, França. Título: *Étude pétrologique et structurale des granitoïdes de Marajoara (Pará, Brésil): leur rôle dans l'évolution archéenne du craton amazonien (2.7 - 3.2 Ga).* Orientador: Pierre Barbey. Atualmente Althoff é Vice-coordenador do Curso de Graduação em Geologia da UNISINOS e Membro do Conselho Editorial da EDUNISINOS.

SEMANA DA IMAGEM

IMAGINÁRIO RELIGIOSO PRÉ-MODERNO E NOVAS TECNOLOGIAS

Durante os dias 21 a 24 de maio, o Centro de Ciências da Comunicação promoveu a *V Semana da Imagem e o II Seminário Arte e Comunicação*. “Imagens da transcendência: a proliferação do imaginário religioso na cibercultura” e “Imagens da cidade e imagens de si – cibercidade e webcams” foram os trabalhos apresentados pelos Prof. Dr. Erick Felinto de Oliveira e André Lemos - UFBA. A seguir, o leitor do *IHU On-Line* poderá acompanhar uma entrevista com Erick Felinto de Oliveira, Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ, Doutor em Literatura Comparada pela UERJ e PhD *Candidate em Romance Linguistics and Literatures*, pela University of California, Los Angeles. Atualmente, é Chefe do Departamento de Teoria da Comunicação - UER e desempenha as funções de Professor do Mestrado em Comunicação Social da UERJ, onde coordena a linha de pesquisa "Novas Tecnologias e Cultura".

IHU On-Line — Você tem defendido que nas novas tecnologias convive um imaginário religioso pré-moderno. Explícite um pouco essa tese.

Eric Felinto — Existem várias teorias sobre a questão do imaginário e dos mitos. Destacaria a corrente que defende o mito como algo recorrente, como um conjunto de símbolos que são permanentes e em determinados momentos da história eclodem. No caso atual, estaríamos vivendo um renascimento dos mitos herméticos. Outra corrente defende que o imaginário e o mito estão ancorados a uma realidade histórico-específica, ou seja, não haveria mitos atemporais ou universais. Os mitos seriam próprios de uma determinada cultura e época. Quando faço a recuperação do imaginário religioso, tento mostrar que, aparentemente, a trajetória da cultura ocidental foi marcada por um processo de secularização no qual a razão teria derrotado o mito, que estariam em declínio tanto a religião quanto o pensamento mítico. Várias possibilidades, conceitos e teorias tentam dar conta dessa situação, entre elas o pós-moderno, que não sei se existe. Contudo, se existe uma diferença entre o pós e o moderno, nesta questão ele apresenta um retorno do imaginário pré-moderno: retorno dos mitos, dos valores da transcendência religiosa... Esses símbolos estavam dormentes, na cultura e agora voltam a crescer

IHU On-Line — Então o esclarecimento foi levado a termo ou houve um excesso de esclarecimento?

Eric Felinto — Aceitando o pensamento frankfurtiano, fica bem fácil de entender. A dialética da razão pode gerar a contaminação do mito pela razão. O esclarecimento cai vítima dos mitos, num processo onde a racionalidade não se questiona mais, deixa de ser razão crítica e se torna razão instrumental. A razão instrumental é domínio da natureza, esta está associado ao pensamento mágico, a idéia de que determinadas práticas, palavras, evocações, exercem um efeito de transformação sobre a natureza, quando a racionalidade se torna instrumental ela se torna vítima dos mitos. Isso desde a antiguidade.

IHU On-Line — O imaginário mítico estaria colado ao plano reflexivo?

Eric Felinto — Isso. Na verdade, o que deveria ser uma racionalidade, num processo de constante revisão dos seus conceitos, se torna uma forma de mito. Na verdade, é uma racionalidade inautêntica, porque uma razão autêntica trabalha em cima do negativo.

IHU On-Line — Como tem sido apresentada a literatura sobre o Ciberespaço?

Eric Felinto — O Ciberespaço é um fenômeno novo, e a literatura ainda é incipiente, com livros da década de 80 e 90. Essa bibliografia, na maior parte, é inglesa, norte-americana e francesa. Grande porcentagem dessa bibliografia sofre da utilização do imaginário da transcendência e de um modelo de pensamento que não é suficiente para ser caracterizado como pensamento crítico, uma vez que utiliza mecanismos por analogias. Nesse tipo de pensamento, é comum o uso de metáforas: a internet é uma biblioteca virtual, palácio da memória, cibionte. São metáforas que se usam numa tentativa de entender o fenômeno, mas, na verdade, fica limitada ao mecanismo da comparação. É, muitas vezes, uma comparação despropositada, porque se perde aquilo que seria a característica histórica do fenômeno.

IHU On-Line — O filósofo finlandês Peter Van Deick defende que o mundo de hoje e os mitos de ontem são explorados e sustentados tecnologicamente. Que uma tarefa que nos cabe é aprender a conviver com o mito e o esclarecimento com sabedoria.

Erick Felinto — Não conheço esse autor, mas tem um filósofo alemão, Hanz Blumenberg, que trabalha uma tese semelhante. Nas obras *O trabalho sobre o mito* e a *Legitimidade da época moderna*, ele defende que *logos* e *mitos* são duas pulsões fundamentais do homem e que sempre existiram. Com o processo do iluminismo se quis abolir a pulsão do *mitos* e dar vazão apenas à racionalidade. Por outro lado, o Romantismo, principalmente o alemão, colocou todos os valores no pólo oposto, no *mitos*, na *poiesis*, na criação e abandonou a racionalidade, vendo-a como um instrumento de repressão ao espírito criativo. Blumenberg vai dizer que os dois pólos são fundamentais para a cultura e para a existência do homem. O *logos*, representado pela ciência, nunca consegue dar explicações globalizantes dos fenômenos, mas regionalmente. Já o mito oferece explicações globais: a origem do *cosmos*, por exemplo. Superar esse pensamento dualista e aprender a pensar com os dois pólos. Isso não é uma crítica pura e simples ao imaginário. O primeiro momento é a crítica, mas o imaginário tem sua função no pensamento conceitual. Um trabalho de análise do discurso, na literatura do ciberespaço, mostraria a ausência de um *logos* ativo e forte que pudesse contrabalançar a presença do *mitos*.

IHU On-Line — Há aspectos positivos nas novas tecnologias?

Erick Felinto — Existe um potencial fantástico, tanto apocalíptico quanto otimista. Apocalípticamente falando, existe a questão da segurança, da vigilância, do totalitarismo digital... Sob esses pontos de vista, se invalida um pouco o discurso dos ciberutopistas: a democracia digital, a idéia de uma ágora universal, uma inteligência coletiva. Contudo, não podemos descartá-las. Proponho um equilíbrio, mas não podemos delirar com certos textos delirantes que acreditam que a

internet vai trazer um paraíso de informação. A informação precisa ser peneirada, o sujeito necessita ser treinado numa série de códigos e linguagens, ela continua elitista, há o perigo das corporações tomarem conta.

IHU On-Line — A internet possibilita a criação de sentido?

Erick Felinto — Não acredito. O que me assusta nesses mitos sobre internet são aquelas fantasias da desmaterialização do corpo, do processo de hibridação do sujeito e outras. Não acredito que a internet seja uma forma de “salvação” para os marginalizados de agrupamentos sociais. A mediação, via internet, é conveniente, mas será uma saída válida para os problemas de socialização? Usar um meio como uma forma de máscara, ou um lugar como forma de se ocultar, ou para criar identidades virtuais?

IHU On-Line — É possível viver ligado na internet?

Erick Felinto — A internet não é um lugar para você viver, se imergir, pelo menos hoje não o é. Antes, é um lugar para você interagir com o mundo de uma outra maneira, produzir construções alternativas de mundo. Mas não limitar seu mundo àquele universo da internet. O mundo tem múltiplas dimensões: contato pessoal, acesso a várias mídias diferentes, a vida como experiência de multiplicidade. No momento em que você imerge, perde essa multiplicidade de formas de contatos.

IHU On-Line — E em relação ao ensino a distância?

Erick Felinto — Tenho uma imensa desconfiança em relação ao ensino a distância. No futuro, isso pode tornar-se algo mais funcional e confiável. Hoje, da maneira como existem as leis da internet, tenho uma grande dificuldade em aceitar que isso seja uma prática pedagógica válida. A educação envolve interação direta, envolve contato com os pares, com o professor, envolve uma materialidade. Sou extremamente cauteloso.

IHU On-Line — E, nova linguagem, nova forma de relação?

Erick Felinto — Novas linguagens criamos e recriamos desde criança, interagindo com a cultura, com seu semelhante. E toda tecnologia produz formas de interação. Cultura e tecnologia produzem linguagens diferentes, formas de interação diferentes e visões de mundo diferentes. A introdução de uma tecnologia numa cultura produz esse tipo de transformação. Se é positivo ou negativo, fica aberto ao debate.

IHU On-Line — E a pesquisa em Comunicação sobre as novas tecnologias?

Erick Felinto — Têm sido feitas coisas interessantes, mas estamos num momento inicial. Precisamos filtrar mais do que aqueles textos e pesquisas que lidam com as mídias tradicionais. Identifico um perigo no campo da comunicação, na pesquisa. Existe uma disputa de poder, um conflito pelo capital intelectual do campo no qual dois paradigmas se confrontam: de um lado, um paradigma que propõe um conceito de comunicação como um campo mais aberto, aquela idéia da transdisciplinaridade, encontro de saberes, a comunicação como um saber indefinido; de outro, um paradigma tecnicístico, com uma visão de comunicação mais restrita. Na disputa dos projetos envolvendo as novas tecnologias, onde as pesquisas geralmente são aprovadas e com bons orçamentos, isso fica patente. Computador, rede, internet e interatividade: formam um meio de comunicação. Já trabalhos mais relacionados com o universo da cultura, estão excluídos do que é universo da comunicação.

LIVRO DA SEMANA

RAÍZES DA MODERNIDADE

Henrique Cláudio de Lima Vaz, **Raízes da Modernidade**, *Escritos de Filosofia VII*. Ed. Loyola, São Paulo, 2002.

Publicamos aqui a apresentação do livro feita pelo psicólogo e filósofo Carlos Roberto Drawin. Mestre em Filosofia, Drawin é Professor na UFMG e no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus.

“Neste início do terceiro milênio, deparamo-nos com um surpreendente paradoxo. De um lado, somos engolfados pela pujança de uma razão plural, pela voragem das racionalidades que se multiplicam, que exploram os recantos mais longínquos do planeta e penetram nos desvãos mais íntimos da subjetividade. De outro, há uma razão fatigada, que reconhece a sua impotência em reconstruir a morada simbólica do homem e anuncia, no alvorecer, de um novo século, o crepúsculo de uma modernidade desencantada. É nesse horizonte de perplexidades que vemos emergir uma profusão caótica de interpretações e diagnósticos sobre o nosso tempo, que oscilam, na ciclotimia dos modismos, das mais sombrias previsões às mais tolas expectativas.

Raízes da modernidade é o sétimo volume de uma obra que nos impressiona menos pela extensão do que pela inusitada convergência de erudição e rigor, de densidade de pensamento e clareza de argumentação. Sendo um ensaio, como o define o seu autor, não se confunde, no entanto, na torrente dessa ensaística apressada, em que tantos parecem não almejar mais do que o breve fulgor da mídia. Ao contrário, o leitor tem em mãos o fruto de uma meditação ponderada, mas perseverante, que se abisma no solo metafísico do ocidente, sem se perder nas últimas florações da impressionante fronde intelectual de nossa civilização. É investigação de raízes, que vai buscar na crise do século XIII, na dramática profunda das opções metafísicas, o destino que iria efetivar-se nos séculos vindouros. É uma investigação radical, porque se o destino não é cega necessidade, mas realização de um sentido, este deve ser interrogado em suas raízes ontológicas, por onde corre a seiva de sua inteligibilidade”.

Reproduzimos a ‘*Advertência Preliminar*’, julho de 2001, escrita pelo Padre Vaz do livro que já não conseguiu ver impresso.

“Os textos aqui reunidos foram redigidos entre 1997 e 2001. Para indicação dos textos já publicados, ver *Fontes bibliográficas*.

O livro é dividido em duas partes: a primeira, e mais longa, contém o ensaio inédito *Raízes da Modernidade*; a segunda, alguns artigos que consideramos complementares ao texto principal.

Não parece difícil ao leitor atento descobrir a razão que nos levou a reunir esses textos num só volume. Ela está presente nos termos do problema que percorre todas as nossas páginas e que se formula interrogação permanente sobre a chamada *modernidade*, sua gênese, sua natureza e seu destino. Julgamos, no entanto, útil advertir que entendemos aqui por *Modernidade* o universo simbólico formado por razões elaboradas e codificadas na produção intelectual do Ocidente nesses últimos quatro séculos e que se apresentam como racionalmente legitimadas. Elas constituem o domínio das referências normativas do pensar e do agir para a imensa maioria dos chamados *intelectuais* do nosso tempo. Entre esses, ocupa um lugar consagrado por uma tradição plurimilenar a *gens philosophica*. Dentro dessa tradição ousamos nos situar. Mas nela reivindicamos a legitimidade de uma linha filosófica especificamente cristã, em cujo prolongamento nos reconhecemos. Nossas reflexões no presente livro, como em outros textos anteriores, constituem, na verdade, um ensaio sempre recommençado de resposta a uma pergunta que nos é freqüentemente dirigida: pode o estudioso que se professa cristão permanecer dentro desse universo da tradição filosófica ou deve, por honestidade intelectual, emigrar para o campo do fideísmo dogmático, de uma praxeologia voluntarista, da evasão mística ou, simplesmente do sentimento religioso puramente subjetivo?”

ARTIGO DA SEMANA

ÉTICA E SOCIEDADE. RAZÃO TEÓRICA VERSUS RAZÃO TÉCNICA

Perine, Marcelo. “Ética e Sociedade. Razão teórica *versus* razão técnica”, *Síntese*, v. 29 n°. 93(2002), p. 49-68.

Marcelo Perine, neste artigo, consegue sintetizar de maneira excelente o que Henrique C. de Lima Vaz descreve denomina de “enigma da modernidade”. O autor o faz a partir dos artigos “*Ética e comunidade*” e “*Ética e civilização*” publicados por Lima Vaz, no início da década de 1990, na revista *Síntese*, da qual era editor. O artigo de M. Perine, professor de filosofia da PUC-SP e diretor da Editora da Universidade de São Marcos-SP, divide o artigo nos seguintes pontos: 1.- O enigma da modernidade; 2.- O niilismo ético como chave do enigma; 3.- Raízes do niilismo na modernidade.

Um artigo a ser lido e discutido especialmente pelos/as colegas do Setor ou Área de Concentração Ética, Cultura e Cidadania.

ENTREVISTA DA SEMANA

O PROJETO SOCIAL-DEMOCRATA ESTÁ DEFINITIVAMENTE ACABADO

Rosanvallon, Pierre. “Le projet social-démocrate est définitivement achevé”, (O projeto social-democrata está definitivamente acabado). *Le Monde*, 25 de maio de 2002.

Pierre Rosanvallon é professor de História e Filosofia Política no Collège de France e diretor do Centro de Pesquisa Política Raymond Aron junto à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Ele é o ‘*chairman*’ da Fundação Saint-Simon, o ‘*think tank*’ que produz idéias e projetos para a renovação da esquerda na França.

É autor, juntamente, com Jean-Paul Fitoussi, do importante livro *Le nouvel âge des inégalités*. Ed. du Seuil, Paris, 1996 e 1998. Mais recentemente publicou o livro *La Démocratie inachevée, histoire de la souveraineté du peuple en France* (A Democracia

inacabada, história da soberania do povo na França). Ed. Gallimard, Paris, 2000. O último livro publicado é *Le sacre du citoyen. Histoire du suffrage universel en France*. Ed. Gallimard, Paris, 2001.

A entrevista, traduzida, a nosso pedido, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT – e que será publicada no número 85 do **CEPAT Informa**, e que publicamos a seguir, na íntegra. Trata-se de um texto capaz de nos ajudar a compreender melhor a grande transformação sócio-econômica que vivemos e os desafios que daí emergem para as lutas do movimento social, sindical etc. Vale a pena ler e... discutir a entrevista.

A seguir, a entrevista da semana:

A crise da social-democracia

Le Monde - A social-democracia está em crise?

Rosanvallon - Inicialmente, não se pode confundir o uso metafórico e o uso histórico da noção de social-democracia. No uso metafórico tornou-se, simplesmente, sinônimo de governo de centro-esquerda ou de socialismo moderado; se ficarmos neste nível, a noção de social-democracia tem sempre um significado nominalista, mas é praticamente vazia de conteúdo. O uso histórico tem outro sentido: a social-democracia foi um projeto alternativo à idéia revolucionária, definiu um modelo político, elaborou um programa de transformação econômica e social. Este projeto histórico da social-democracia está definitivamente terminado.

A social-democracia e o seu projeto

Le Monde - Antes de examinar as razões deste fim, podemos voltar sobre o que foi o projeto histórico?

Rosanvallon - A social-democracia foi construída tendo como referência a idéia revolucionária do fim do século XIX, as revoluções de 1789 e de 1848. Baseados numa análise política e econômica da evolução do capitalismo, Bernstein e o Partido Social Democrata Alemão decretaram, nos anos de 1890, que a revolução não deveria, obrigatoriamente, estar no coração do projeto de mudanças da sociedade. Isto significava que a luta seria feita sempre no interior do capitalismo. O objetivo continuava sendo a superação do capitalismo, mas os meios não seriam revolucionários. As mudanças ocorreriam no seu interior mesmo, pelas reformas, pelas industrializações nacionalizadas, pelo movimento cooperativista etc. Este movimento de transformação social e societal estava nos fundamentos da idéia social-democrata. Tratava-se claramente de um projeto político alternativo à visão catastrófica dos marxistas da época, que previam um desmoronamento caótico do capitalismo.

O que resultou da social-democracia?

Le Monde - Qual a natureza do modelo político que daí resultou?

Rosanvallon - A primeira característica da social-democracia, enquanto modelo de transformação política, é a organização da classe operária numa potência política, numa contra-sociedade. Daí resultarem a constituição dos grandes partidos de massa e suas organizações sociais paralelas. A organização da classe operária como um ator central, dotado de um poder de negociação e de contra-proposição, através do sindicalismo, foi uma invenção muito mais da social-democracia do que do comunismo. Tratava-se de estabelecer compromissos de classe, passíveis de negociação e revisão, entre as forças do capital e do trabalho através de contratos coletivos. Não devemos nos esquecer que, no momento em que se formula o projeto social-democrata, a classe operária é quantitativamente minoritária. Mas, no prolongamento de Marx e Engels, os social-democratas compreenderam que daquela classe estava emergindo um fenômeno que iria mudar o mundo. Enfim, a social-democracia elaborou um programa reformador em torno de dois eixos. De um lado, um projeto de reforma da propriedade, promovendo a idéia de propriedade social, através de suas

diversas modalidades (nacionalizações, cooperação, etc.); não era suficiente negociar o contrato, era necessário tentar reconquistar a autonomia de trabalho e isto só seria possível coletivamente. O segundo eixo foi, evidentemente, a construção do Estado-Providência, ou seja, a construção de proteções coletivas e formas de assistência social, para fazer frente aos novos riscos que corriam os trabalhadores: saúde, invalidez, desemprego.

Le Monde - A social-democracia não deteve o monopólio do Estado-Providência...

Rosanvallón - É verdade. Certos objetivos da social-democracia foram perseguidos por outros meios, em outros espaços. Por exemplo, a República Social de Waldeck-Rousseau, na França, nunca teve por objetivo transformar o capitalismo ou organizar a classe operária. Ao contrário, a visão republicana se apóia numa certa unanimidade de nação, enquanto a social-democracia tem uma visão de classe. No que concerne o programa econômico e social, os republicanos também organizaram coletivos protetores, porém faziam isto para evitar o socialismo e não para realizá-lo.

A SOCIAL-DEMOCRACIA NA FRANÇA

Le Monde - Porque a França não foi social-democrata? Ou, pelo menos, nunca confessou e fica quase que envergonhada...

Rosanvallón - Por três razões. O Partido Socialista francês nunca foi um partido operário, mas um partido de intelectuais, ao contrário do que aconteceu na Grã-Bretanha, na Alemanha ou na Escandinávia, onde os social-democratas se nutriram diretamente das fontes da classe operária. De início, já era um partido mais ideológico do que social. O problema histórico do Partido Socialista francês em relação à social-democracia é, antes de tudo, um problema sociológico. Além disto, a cultura política socialista francesa esteve ligada, mais do que em qualquer outro lugar, à uma relação singular com 1789: era preciso “ *terminar a revolução* ” de 1789, que tinha ficado no meio do caminho. Finalmente, surgiu na França do pós-guerra uma tecnocracia keynesiana reformadora, que construiu, com o ‘ social-estatismo ’ uma espécie de equivalente técnico da social-democracia: foi esta geração que fez os planejamentos, as previsões, a Assistência Social. Na França o partido dos tecnocratas substituiu o partido operário da social-democracia. É preciso ter em mente estas questões para compreender porque, no final dos anos 70, a palavra social-democracia ainda era extraordinariamente depreciada entre os socialistas franceses.

Social-Democracia e Terceira Via

Le Monde - O desenvolvimento da social-democracia a partir de 1945 não foi beneficiado pela Guerra Fria, aparecendo como uma espécie de via original, intermediária entre o comunismo e o liberalismo?

Rosanvallón - Não acredito nisso. Não devemos nos esquecer que a social-democracia definiu seu programa, seus métodos e seus objetivos, vinte anos antes da Revolução de 1917. Além disso, todo o universo social-democrata deve ser compreendido a partir da análise do capitalismo: a social-democracia foi uma maneira de pensar a gestão, a reforma progressiva e a superação do capitalismo. Não se deve, de jeito nenhum, pensá-la como uma espécie de “ terceira via ” .

As origens da derrocada da social-democracia

Le Monde - Então não foi a queda do Muro de Berlim, privando a social-democracia de um contraste cômodo que era o comunismo, que explicaria a sua crise atual?

Rosanvallón - De fato, eu também não acredito. Na realidade, o tripé da social-democracia: projeto, modelo e programa – ruiu completamente nos anos de 1980-1990, sob a influência de dois movimentos que não estão necessariamente ligados: o fim do horizonte revolucionário com o fim do comunismo e as transformações do capitalismo. Mesmo aqueles situados na extrema esquerda e que invocam a revolução, consideram-na como uma “ *utopia reguladora* ” , muito mais do que

uma ação a desenvolver. Não há mais uma cultura política revolucionária. De uma certa maneira, a social-democracia ganhou do ponto de vista intelectual, mas perdeu sua identidade. O essencial já foi dito sobre o fim do comunismo, mas, em revanche, não se falou que o fim do modelo social-democrata encerra, ao mesmo tempo, um modelo político e um programa de reforma.

Mudança do Modo de Produção

Le Monde - Por que este programa se tornou ‘ caduco’ ?

Rosanvallon - Não foi por causa de um tipo de ‘ vírus liberal’ que invadiu os espíritos e provocou uma espécie de confusão ideológica. O problema fundamental é que estamos mudando de modo de produção. Ideologicamente e intelectualmente, o programa da social-democracia não se esgotou; mas o mundo ao qual ele se endereçava mudou muito em vinte anos e só agora nós começamos a analisar isto.

Le Monde - Como o senhor definiria o novo modo de produção?

Rosanvallon - O capitalismo antigo era uma máquina de produzir generalidades, uma máquina que se utilizava da força de trabalho dos indivíduos, **igualando**, assimilando, planificando, quer dizer, uma poderosa produção de generalidades, sem se preocupar se se tratava de um homem ou de uma mulher, de um jovem ou de um velho, de um francês ou de um imigrante. A história do capitalismo foi justamente a história desta violenta transformação das populações em força de trabalho. Partindo desta análise, a resposta social-democrata foi a construção de coletivos protetores (sindicatos, negociações coletivas, Estado-Providência), para darem a esta força de trabalho uma capacidade de resistência, de negociação, impondo limites na sua exploração.

Além da mundialização espacial, que é fundamental, o novo capitalismo modificou completamente suas técnicas de organização: agora é um sistema que funciona sobre a particularidade. O que mobiliza o processo de produção moderno não é a generalidade que existe em cada um, mas, ao contrário, o que há de mais particular. Faz isto, inicialmente, porque a interface produção-consumo mudou completamente; ontem, a fronteira entre produção e consumo era completamente estanque para o trabalhador na linha de montagem. Hoje ela esta fronteira é porosa. Por exemplo, em casos de novos serviços, onde o operário é também instalador e dá a manutenção. Observa-se uma dupla “ terceirização” : aquela que faz a passagem do trabalho manual ao trabalho intelectual, do material ao imaterial, mas também aquela que associa a produção técnica ao serviço, quer dizer, uma produção do tipo “ face a face” .

No capitalismo clássico, a força de trabalho está incorporada no produto. No novo capitalismo, seja no setor industrial seja nos serviços, é o próprio indivíduo - seu tempo, suas qualidades específicas, sua capacidade criadora – que se torna uma espécie de produto.

Este novo modo de produção apresenta conseqüências absolutamente inéditas: ele modifica profundamente a relação entre o individual e o coletivo, produz um coquetel de emancipações e de novas formas de exploração, aumenta a autonomia, porém com uma dependência ou uma pressão mais fortes.

Mudamos de paradigma!

Le Monde - Entretanto o antigo capitalismo não desapareceu...

Rosanvallon - Lógico que não. Muitas pessoas ainda se encontram nas linhas de produção. Mas este novo tipo de economia industrial ou de serviços está emergindo com uma força poderosa. Isto significa que as maneiras de pensar a proteção, a segurança e a liberdade, vão mudar completamente de sentido. Ontem, as lutas visavam a redução dos ritmos, a organização de sindicatos capazes de manter a cabeça erguida diante dos patrões. A partir de agora, diante destas novas formas de exploração individualizadas e interiorizadas, já não basta construir grandes

“diques” de proteção. É necessário inventar outros tipos de proteção, outras formas de ação, outras definições da liberdade dos indivíduos.

Le Monde - Sua análise parece estar bem distante dos atuais debates da esquerda francesa...

Rosanvallon - Esta é o problema-chave hoje: nós mudamos de paradigma. Ora, a esquerda pensa sempre as questões dentro da forma metafórica da social-democracia, perguntando-se se o cursor deve estar voltado mais para o centro ou mais para a esquerda. Isto está completamente fora da realidade... A tarefa histórica dos socialistas é serem o poder intelectual e social que vai pensar este novo modo de produção e estas novas formas de emancipação. Não se trata somente de uma questão de projeto ou de programa, mas da reconstituição de uma legibilidade da sociedade e de mundo para todos. A social-democracia do fim do século XIX teve esta capacidade, de dar vida ao mundo social como uma coletividade. Uma tarefa parecida deve ser feita hoje. Se a esquerda não se compromete com isto, ela deixa o campo livre tanto às identidades que pregam o “isolamento” (organizadas em torno de suas comunidades), quanto às identidades “fantasmagóricas” (beneficiando a extrema direita ou um certo republicanismo). A finalidade da política, sobretudo à esquerda, é de dar uma nova cara a este nosso mundo.

FRASES DA SEMANA

Padre Vaz: ética e razão

- ✓ “É este o sentido essencial da obra do padre Henrique Vaz: a conciliação da ética e da razão, da fé e da cultura, da fé e da razão como os caminhos inescapáveis da emancipação humana” – João Antônio de Paula, do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, no artigo ‘A dignidade da razão’, *Ciência Hoje*, vol. 25, no. 146, janeiro/fevereiro 1999, p. 68-73. Aqui p. 73.

A pessoa humana nas suas vicissitudes históricas

- ✓ “Há quem diga que toda a reflexão filosófica do padre Vaz tem uma só preocupação: “o homem nas suas vicissitudes históricas”. Vicissitudes essas tomadas a partir da grande tradição do pensamento racionalista e humanista e da experiência cristã. Esse também é o sentido básico do livro Teologia e teoria social, do inglês John Milbank, que Vaz resenhou com entusiasmo em 1991. A proposta de Milbank era a de evidenciar que as próprias teorias sociais ‘científicas’ são elas mesmas teologias ou antiteologias disfarçadas” - João Antônio de Paula, do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, no artigo ‘A dignidade da razão’, *Ciência Hoje*, vol. 25, no. 146, janeiro/fevereiro 1999, p. 68-73. Aqui p. 73.

Gadamer: As Religiões

- ✓ “O que nos ainda nos pode salvar, já que não temos outra coisa, é o diálogo com as grandes Religiões” - Hans-Georg Gadamer: **Die Lektion des Jahrhunderts. Ein philosophischer Dialog mit Riccardo Dottori**. LIT Verlag, Münster, 2002.

- ✓ “Depois que nós alcançamos a ciência que nos tornou capazes de ameaçar a vida do Planeta, devemos nos colocar a questão: existe algo que pode impedir que algo desse tipo aconteça? Sim, a Religião” – Hans-Georg Gadamer: **Die Lektion des Jahrhunderts. Ein philosophischer Dialog mit Riccardo Dottori**. LIT Verlag, Münster, 2002.

Vattimo e a caridade

- ✓ **Qual a atualidade de categorias ético-religiosas como "caridade" e "solidariedade"?**
Eu diria que elas têm cada vez mais sentido. Em um mundo multicultural de religiões e opiniões diversas, a única coisa que ainda pode nos salvar são a caridade e o respeito pelo outro, pois não há mais nada a que possamos nos apegar – Gianni Vattimo, filósofo italiano, em entrevista à **Folha de São Paulo** 2-6-02.

Argentina: Negócios e política confundidos

- ✓ “Que alguns países tenham saído da crise não foi graças à política do FMI mas apesar dela. Hoje o FMI condiciona a Argentina, mas não lhe importou quando a economia estava fazendo água ou era manejada de forma mafiosa, com fuga de capitais e sem uma mínima transparência. A crise é também do mundo empresarial que confundiu política com negócios, tiraram o dinheiro quando lhes convinha, usaram o poder político e não tiveram consciência” – Manuel Antonio Garretón, sociólogo chileno, **Página 12** 3 de junho de 2002.

UNIVERSIDADE: SABER E COMPAIXÃO

- ✓ “Nós pessoas que atuamos na universidade somos convidados a combater uma batalha infinita pelo progresso do saber e da compaixão. Não nos cabe ficarmos fechados numa torre de marfim. Vejo a Universidade como força de paz. Nos meus sonhos mais profundos vejo a imagem de um ambiente acadêmico no qual se possa discutir pacificamente os problemas mais insolúveis do nosso tempo” – Umberto Eco, no discurso pronunciado na Universidade de Jerusalém e reproduzido, na íntegra, no jornal italiano **La Repubblica** 3 de junho de 2002.

Comunicações da Coordenação

SIMPÓSIO

No dia 27 de maio, a Coordenação do IHU, juntamente com a Equipe de Comunicação composta por Sônia Montañó, pelo jornalista Carlos Alberto Jahn e a Prof^a. Mardilê Fabro, reuniu-se com a jornalista Ângela Rahde, coordenadora do setor de Imprensa da Prodesen e o jornalista Deivison Campos, do mesmo setor, para discutir o programa de divulgação do *Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade* a ser realizado de 25 a 27 de junho de 2002.

CENTRO 1

No dia 27 de maio, a coordenação do IHU reuniu-se com o Prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas, Prof^a. Berenice Corsetti, Vice-diretora do mesmo centro e Jacinto Schneider, Gerente administrativo do mesmo centro, para discutir e

encaminhar uma série de questões administrativas e organizacionais do Instituto Humanitas Unisinos.

CENTRO 3

No dia 28 de maio, a coordenação do IHU recebeu a visita da Prof^a. Dra. Ione Bentz, diretora do Centro de Ciências da Comunicação para a discussão da possibilidade de parcerias em novos projetos e programas e consolidação de projetos em andamento.

TERRA E MEIO AMBIENTE

No dia 28 de maio a coordenação do IHU presidiu a reunião dos/as pesquisadores/as do Projeto de Pesquisa *‘Difusão pública de informações sobre Ciências da Terra e Meio Ambiente’*. Participaram da reunião, o Prof. Dr. Heraldo Campos, geólogo, do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da UNISINOS, Prof. Dr. Paulo Peixoto Albuquerque, sociólogo, Centro de Ciências Humanas da UNISINOS, Pedro Antonio Farias Pinto, cinegrafista, TV UNISINOS, Theo Campos, estudante de jornalismo da UNISINOS, Edson Luiz da Silva, editor de VT, TV UNISINOS, o jornalista e prof. Ms. Álvaro Benevenuto Jr, TV UNISINOS, Prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas e Cláudia Herte de Moraes, jornalista da Prodesen.

O projeto baseia-se na tríade Ciências da Terra e Meio Ambiente-Educação-Comunicação e, em virtude da demanda crescente de atividades voltadas ao equacionamento teórico e prático de problemas ambientais, pretende através de recursos da mídia examinar a problemática do uso inadequado do meio físico, as conseqüências danosas ao ambiente e propor medidas preventivas e corretivas mediante ações junto à comunidade.

BIOÉTICA

No dia 28 de maio a coordenação do IHU reuniu-se com a Prof.^a Dra. Lucilda Selli e o Prof. Dr. José Roque Junges, ambos do Centro de Ciências da Saúde, para discutir a possibilidade e viabilidade da articulação do subgrupo temático Bioética no Setor Ética, Cultura e Cidadania do Instituto Humanitas Unisinos.

VOLUNTARIADO

No dia 29 de maio reuniu-se pela primeira vez o grupo de trabalho sobre o voluntariado. Constituído pelo IHU, o Grupo de Trabalho compõe-se de Marilene Maia, Prof.^a do Centro 1 na UNISINOS e doutoranda em Serviço Social na PUCRS, Silvana Burnier, bolsista do Setor de Serviço Social da Universidade, Vera Lúcia Schneider Bemvenuti e Fernando Pochay da Ação Comunitária da PROCEX, Dra. Lucilda Selli e Dr. José Roque Junges, do PPG em Ciências da Saúde, a Prof.a. Dorotea Frank Kersch, coordenadora executiva do Curso de Letras, Rosa Maria Serra Bavaresco, mestranda no PPGCSA, Laurício Neumann, coordenador do Setor Ética, Cultura e Cidadania do IHU, Prof^a. Vera Regina Schmitz, coordenadora-adjunta do IHU. O GT voltará a se reunir, com tarefas definidas, no dia 12 de junho de 2002, às 16h, no IHU.

VOLUNTARIADO E MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO

No dia 31 de maio, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou o encontro geral da Inspeção-Província das Irmãs Salesianas da região sul do Brasil (PR, SC e RS). O tema do encontro, que reuniu 68 pessoas, foi *‘Voluntariado e as mudanças no Mundo do Trabalho’*.

Recebemos e agradecemos

Recebemos do Pe. Luís Quevedo, SJ, que trabalha no Centro de Espiritualidade Itaici, São Paulo,

- ⇒ o livro Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ, **Universo Científico e Visão Cristã em Teilhard de Chardin**, Editora Vozes, Petrópolis, 1967. Os professores e as professoras que nos solicitaram este texto, comunicamos que ele está acessível na secretaria do IHU.
- ⇒ a fotocópia do artigo “O itinerário inaciano de Teilhard de Chardin”, de Pe. Henrique de Lima Vaz, publicado na revista **PUC Ciência**, Revista de Divulgação Científica da PUC-Rio, no. 6, julho de 1991, p. 35-39.

Recebemos do prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, coordenador do PPG de Filosofia, os seguintes textos:

- ⇒ o artigo “A dignidade da razão”, escrito por João Antônio de Paula, da UFMG, traçando o perfil do Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz. O artigo foi publicado na revista **Ciência Hoje**, vol. 35, no. 146, janeiro/fevereiro de 1999, p. 68-73
- ⇒ “Filosofia e forma de ação. Uma entrevista de Henrique Cláudio de Lima Vaz”, **Cadernos de Filosofia Alemã**, no. 2, 1997, p. 77-102. Estes textos podem ser consultados na secretaria do IHU pelos interessados e pelas interessadas.



O entrevistado relâmpago desta edição é...



Vergílio Frederico Périus

Vergílio Frederico Périus é natural de Campinas da Missões. Terceiro de 11 irmãos, e filho de pequenos produtores rurais, com descendência francesa e alemã, Vergílio aprendeu na família a importância dos interesses coletivos e a liderança comunitária.

Lembranças — Lembro da mesa cheia, tanto de pessoas quanto de comida: nunca faltou comida, pelo fato de sermos produtores rurais. Só comprávamos sal e alpargatas, o resto estava em casa. Meu avó e meu pai foram duas grandes lideranças comunitárias. Ambos lideraram os agricultores da região para construir a Igreja. O pai trabalhava na lavoura durante a semana e nos finais de semana se dedicava à comunidade.

Formação — Formei-me em Filosofia e Pedagogia pelo Seminário de Viamão, em 1968 e 1969 respectivamente, em Direito pela PUCRS em 1973, e fiz especialização em Administração Cooperativa, no Chile. Fiz dois anos de Doutorado em Gestão Cooperativa, na Alemanha, mas não conclui o Curso.

Professor — Em 76, a UNISINOS lançou o Curso de Especialização Superior em Cooperativismo (Cescop) e os professores Roque Lauschner, Odelso Schneider e Martinho Lenz chamaram-me para criar e trabalhar juntos no Curso. Eu entrei como professor em 76, com a disciplina Direito e Cooperativa, e, alguns anos mais tarde, fui aluno do Curso.

Família — Teresinha, minha esposa, é programadora da Procergs, Karini (26) formou-se em Direito pela UNISINOS e Kátia (22) faz o mesmo curso, também aqui. Temos, também, Andréia (13) que é nossa sobrinha da qual temos a tutela desde que seus pais morreram num acidente.

Autor — Roque Lauschner

Livro — *A 25ª hora*, de Georges C. Virgil

Filme — 2001: Uma Odisséia no espaço, de Stanley Kubrick.

Nas horas livres — Leio, assisto futebol, tomo chimarrão e passeio com a família.

Um presente — qualquer um.

UNISINOS — Antes era mais uniforme, menos burocrática, mais autônoma e as coisas iam mais rápido. Agora é mais fragmentada. Os Centros são mais autônomos. As decisões são mais lentas porque dependem de várias instâncias. Antes era menos democrática e mais eficiente. Agora é mais democrática, mas ainda necessita encontrar sua identidade como Universidade.

IHU — Estamos no caminho. No andar da carroça as abóboras se ajeitam. No início eu era contra. Gostava da flexibilidade e autonomia que tínhamos no CEDOPE, talvez isso nos viciou um pouco. Até agora foi o ajustamento de áreas menores a áreas maiores no Instituto. Hoje os planos estão mais claros.

Direito — Positivismo escrito como linha normativa de conduta para a qual é necessária uma opção pessoal. As mudanças no direito implicam uma ação conjunta. Mudar uma lei não é algo de uma pessoa só.

Cooperativismo — Ciência extremamente apaixonante a desafiar permanentemente os homens e as mulheres para soluções coletivas, no sentido de suprir necessidades. Entender o cooperativismo é fácil, praticá-lo é difícil.

Momentos felizes — Em termos profissionais, o lançamento do meu livro *Cooperativismo e lei*, que me levou dois anos de reflexão e só no dia em que foi lançado na Feira do Livro de Porto Alegre vendeu mais de 100 exemplares. Em termos pessoais, o nascimento de minhas duas filhas.

Cartas do Leitor

À equipe do IHU On line
Parabéns pela qualidade das matérias veiculadas, e com o primor dos textos.
Especialmente, saliento, a importância da divulgação da rica trajetória do pe.
Henrique Vaz. Exemplos como este devem ser sempre valorizados e
disseminados entre nossos alunos.

*Um abraço fraterno,
Sônia Haas*

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão. Ocupe seu espaço no IHU On-Line,
escrevendo a ihuinfo@poa.unisinos.br